

NO MURO

CID

REGIS ANTÔNIO DUARTE GONÇALVES
4º ano do Curso de Ciências Sociais da Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas

Dentro do muro
no escuro e duro
um olho me espia.
Medonho olho
de aço frio.

Um muro
um cubo
dentro de um cubo
lá dentro
concreta
a coisa me espia.
Estou fora
do muro.
Na frente
amarela
a parede que gela.

Cal e tijolo
o sal e o olho
Um olho divino?
Um olho assassino?
Quem dera saber
das coisas opacas.
Sua consistência
flexibilidade
modo de doer.

Mas apenas sei
do choque
do gêlo
da aspereza da pedra.

Algo que me espia.
Algo que interrogo.
Alguém me espera
por trás dessa treva?

Por trás da parede
a luz não penetra.
A coisa que olha
suponho:
ela enxerga.

Nenhum aparêlho
raio X
Gama ou Beta
revela o que é.

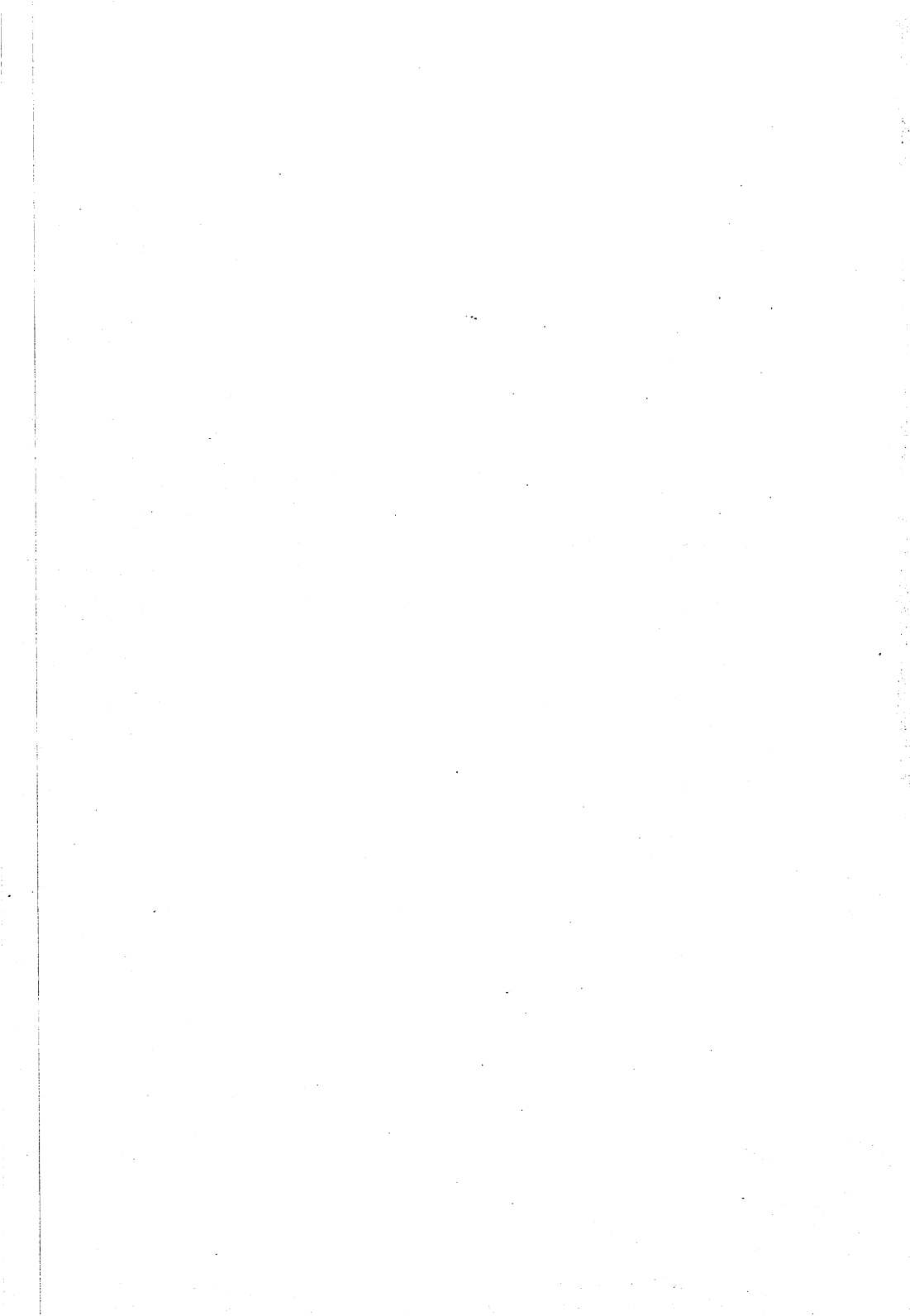
Nem broca de aço
martelo pneumático
bazuca
granada
bomba atômica nada
a dureza quebra.

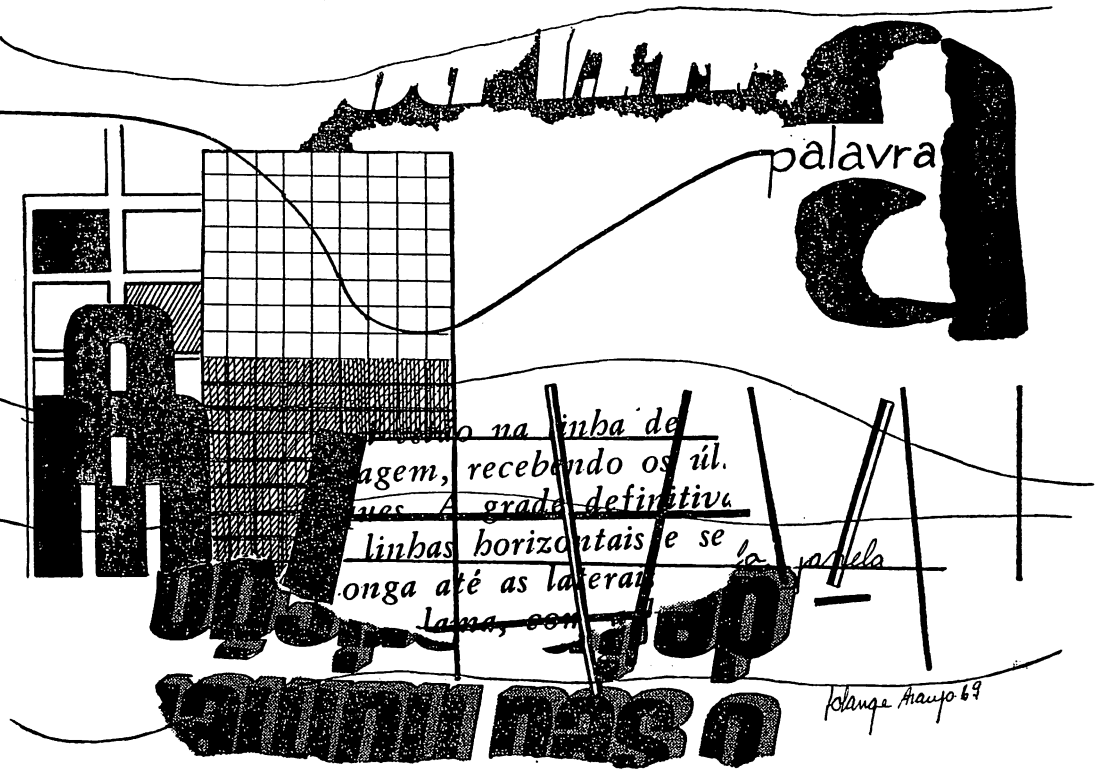
A coisa está quieta
como gato
mas desperta.

Mobilizo o aço
água fogo e terra.
Ordeno ao meu exército
que a destrua
Que cerque
êsse muro.

A simples presença
da coisa me agride.
Vivo e me perturbo
com a dupla presença.

Um ôlho (talvez?)
Uma coisa surda
surdamente muda
de existência dúbia.





palavra

...na linha de
agem, recebendo os úl.
nes. A grade definitiva
linhas horizontais e se
longa até as laterais
lama, com

MÁS

Klange Araujo 69